

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA COMETI STOCCO

**A COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM MARIA DA RESTINGA: PROPOSTA E
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**MATINHOS
2018**

FERNANDA COMETI STOCCO

**A COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM MARIA DA RESTINGA: PROPOSTA E
PRÁTICA PEDAGÓGICA**

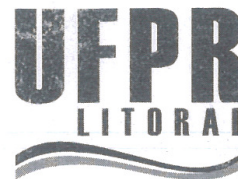
Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do
Curso de Especialização em Questão Social da
Perspectiva Interdisciplinar, do Setor Litoral, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Marcos Aurelio Zanlorenzi

**MATINHOS
2018**



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
UFPR Litoral
Curso de Especialização em Questão Social
pela Perspectiva Interdisciplinar



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi, realizaram em 09 de dezembro de 2017 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante Fernanda Cometi Stocco sob o título “A Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga: Proposta e Prática Pedagógica”, sendo requisito parcial para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito “APL”.

Matinhos, 09 de dezembro de 2017


Profa Msa Mirian Cristina Lopes


Prof Ms Neilor Vanderlei Kleinubing


Prof Dr Marcos Aurelio Zanlorenzi


Fernanda Cometi Stocco

Conceitos de aprovação

APL – Aprendizagem Plena

AS – Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação

APS – Aprendizagem Parcialmente Suficiente

AI – Aprendizagem Insuficiente

OBSERVAÇÃO:

Caso o (a) Estudante seja orientado(a) a reformular seu trabalho, deve-se registrar no verso os requisitos apontados pela Banca para o aceite final do trabalho.

RESUMO

O objetivo deste ensaio é retratar o cotidiano do projeto da Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga, dar conta de compreender sua forma de organização e o funcionamento de suas atividades e sua prática pedagógica, levando ao entendimento de sua filosofia e proposta de educação. Explanando brevemente o entendimento da relação entre a questão social e a educação, o foco é apresentar uma proposta educativa que se consolidou a partir da prática de atividades com crianças de 1,5 a 6 anos, fruto de uma construção e organização coletiva.

Palavras-Chave: Questão Social; Educação; Infância.

ABSTRACT

The objective of this test is Maria da Restinga shows the daily life of the project of the Community of Apprenticeship, to notice of understanding his form of organization and the functioning of his activities and his pedagogic practice, leading to the understanding of his philosophy and proposal of education. When the understanding of the relation is exgliding shortly between the social question and the education, the focus is to present an educative proposal that was consolidated from the activities practice with children from 1,5 to 6 years, result of a construction and collective organization.

Keywords: Social question; Education; Childhood.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
Coamar: uma proposta coletiva de educação emancipadora.....	09
Breve relato histórico.....	09
Organização e funcionamento.....	10
A proposta e prática pedagógica.....	11
Eixo do movimento.....	13
Eixo da culinária.....	13
Eixo de artes.....	14
Eixo de agroecologia.....	14
Ritmo das atividades.....	15
Algumas considerações.....	17
Referências.....	20

INTRODUÇÃO

Considerando que a educação formal e científica não são os únicos modelos de processos educativos existentes no mundo atual, me refiro ao entendimento amplo da educação, considerando todo tipo de conhecimento e trocas que ocorrem mutuamente ao longo da vida, em seus mais variados espaços, para abordar esta temática.

É neste contexto que este ensaio vislumbra retratar e compreender a proposta e prática pedagógica de uma experiência educativa que acredita no conhecimento crítico como sendo um poderoso instrumento de entendimento e consciência e, portanto, a chave para que possamos compreender verdadeiramente o mundo (FREIRE 2016), e é partindo do entendimento de que educação e questão social estão diretamente conectadas que justifico a escolha deste tema.

Durante o curso de pós-graduação em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, pude compreender que a questão social é um conceito que se refere à tudo aquilo que resulta da exploração do trabalho pelo capital, ou seja, da relação entre burguesia e trabalhadores, e que, como consequência desta relação de exploração, configura-se a desigualdade social no mundo capitalista e desta última decorrem múltiplas expressões, como por exemplo a miséria e a pobreza exacerbada.

A partir daí, compreendi que a educação tem um papel fundamental, sendo importante para o capital, pois conforme aponta a própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, em seu artigo 2º, a educação “(...) tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1996, p. 01)

Nesta relação, o capital utiliza da educação para formar seus sujeitos de acordo com os interesses e as necessidades do mercado e, se pensarmos bem, em vários pontos o modelo tradicional de ensino, no caso as escolas e universidades, parece estar em conformidade com os objetivos e atendendo às exigências do modo de produção do sistema capitalista.

O direcionamento total do ensino e sua fragmentação por disciplinas e a ausência de criticidade, tendo o professor como único detentor do saber, coloca os estudantes como seres passivos e obedientes. Desde muito cedo, as crianças nas escolas que ainda insistem no paradigma convencional são ensinadas a permanecerem quietas, sentadas e caladas, aprendendo a realizar tarefas sem questionar a autoridade, que é o professor, não podendo escolher ou discutir. Lidam com horários pontuais, sinais, filas, produções, provas, recompensas ou punições por bom ou mau comportamento e etc.

Todos esses fatores colaboram para a formação de trabalhadores nessa mesma lógica, subordinados e passivos. A competição é muito estimulada neste modelo de educação e acredito que é fundamental para o capital, pois através de um ambiente de trabalho competitivo, ele consegue

exigir com que o trabalhador produza mais, por meio do discurso alienante de “ser o melhor” ou “se destacar”.

O que alimenta ainda mais esta competitividade e corrobora com a forma de operar desse modelo capitalista é o discurso da meritocracia, que insiste em afirmar que todos somos capazes de tudo, basta que busquemos realizar nossos objetivos.

Essa lógica do “fazer por merecer” e de “ser o melhor” é construída para que brigemos para ocupar postos no mercado de trabalho e não leva em consideração as condições sociais de seus sujeitos e coloca todos como iguais, ou seja, para o capital, uma pessoa que mora na periferia tem as mesmas condições, por exemplo, de cursar medicina na universidade como uma pessoa da alta classe, basta que se dedique aos estudos e seja melhor, merecendo a vaga. Nesse sentido, compreendo que o discurso da meritocracia favorece o capital, disfarçando e justificando como falta de vontade ou dedicação àqueles que não conseguem o acesso ao ensino ou a inserção no mercado.

Acredito que este modelo também contribui podendo determinar o desenvolvimento de seus sujeitos em seus postos de trabalho, porque percebo que a educação é capaz de selecionar, por exemplo, os que vão ingressar na universidade e até mesmo quais cursos farão, bem como os que vão direto atuar no mercado de trabalho, todos tendo por isso, empregos relativos à formação que possuem.

O vestibular e a relação de candidato/vaga por curso (que indica quais são os mais concorridos e, portanto, mais difíceis de entrar) por si só são bons exemplos de como ocorre esta seleção.

Essa possível determinação se dá mediante o intuito e urgência do capital em formar vários tipos de trabalhadores para atuar nas diferentes áreas do mercado de trabalho e se concretiza de acordo com as necessidades e possibilidades destes trabalhadores.

Nossa educação básica e tecnicista permite que formemos sujeitos que nunca sequer saberão da existência de universidades públicas (de acordo com o CENSO de 2010 do IBGE menos de 8% da população brasileira atingem o ensino superior), sujeitos que necessitam de trabalho para sobreviver, e que, sem muitas escolhas, mergulham na lógica do capital na primeira oportunidade. Há que se lembrar ainda os sujeitos que não conseguem o acesso à escola e também não conseguem ingressar no mercado de trabalho, fruto dessa desigualdade social, tão latente em nosso mundo atual.

Por tudo isso, percebo que a educação a serviço do capital se apresenta com uma função muito específica no que se refere à manutenção da estrutura de classes, tendo o poder de manter, juntamente com o controle do acesso ao conhecimento, toda essa estrutura.

Contudo, a questão social se constitui também através do processo de lutas históricas desencadeadas pela classe trabalhadora, na busca por melhores condições de vida, englobando aí melhores condições de trabalho, de acesso ao ensino e moradia, e tantos outros direitos que a eles são privados por conta de toda desigualdade social que os atinge.

A questão social nos diz, portanto, que na história sempre que houve exploração por parte do capital, houve também a resistência dos trabalhadores, e a própria história continua a nos dizer isto.

Com relação a educação, percebo que mesmo ela sendo um direito no Brasil, garantido pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pelo ECA¹ e pela LDB de 1996, as lutas por acesso, permanência e qualidade à educação estão marcadamente presentes na nossa história. Ao falar de qualidade, me refiro não àquela qualidade que se define através das provas de final de ano que são aplicadas aos alunos das escolas públicas pelo governo, porque acredito que estas provas são conteudistas e não avaliam a qualidade em seu sentido amplo.

Uma educação boa está relacionada com as condições da escola, se a escola têm materiais adequados, como biblioteca, sala de informática, mesas e cadeiras adequadas, papel higiênico nos banheiros, quadra com bolas, como é a limpeza e organização e tudo mais que infere no trabalho de todos os envolvidos; está relacionada com as condições de trabalho do professor, sua carga de aulas e quantidade de alunos, seu salário e tempo para planejar e estudar, o que é parte fundamental de seu trabalho; está relacionada com o perfil dos estudantes e suas famílias da escola, com a questão geográfica, ou seja, com as problemáticas e especificidades do contexto social daquela região onde a escola está inserida.

Acredito que a questão da qualidade na educação envolve todos os sujeitos e é necessário que se considere todos esses componentes para citá-la. No que se refere ao conhecimento de qualidade, penso que é aquele que se constrói com o outro, numa relação de trocas onde o sentido é o principal motivador da aprendizagem, envolvendo a criticidade dos conteúdos e discussões como indissociáveis.

Localmente é possível verificar exemplos dessa resistência à qual me referi no âmbito da luta pela educação, como as ações do Movimento Estudantil, organizados para combater a crescente precarização do ensino nas universidades, como vemos na UFPR do litoral; as ocupações por estudantes secundaristas de mais de mil escolas da Educação Básica que ocorreram no ano de 2016, como mecanismos de luta contra medidas prejudiciais à educação tomadas pelos governos federal e estaduais; manifestações e greves como sendo ferramentas de luta que são travadas pelo acesso e qualidade da educação.

¹ Estatuto da Criança e do Adolescente.

No contexto atual, acredito que a possibilidade de construir um projeto de educação capaz de promover às crianças experiências e interações variadas, que possam enriquecer seu desenvolvimento e convívio social, nos traz a devida responsabilidade para seguir em frente.

Justificada brevemente e de maneira muito simplificada a relação entre educação e questão social, destino como cabível para este momento, relatar uma prática de educação, autônoma e autogerida e tenho como foco deste ensaio o cotidiano do projeto da COAMAR, dar conta de compreender sua forma de organização e funcionamento de atividades e sua prática pedagógica, levando ao entendimento de sua filosofia e proposta de educação.

Considero importante ressaltar que esta proposta pedagógica se constrói concomitantemente à prática e abarca ideias e reflexões de diversos autores, não tendo por isso uma única e específica corrente teórica. Este é um projeto em permanente construção coletiva, compreendendo que todos somos sujeitos capazes de aprender e modificar nossos conhecimentos.

COAMAR: uma proposta coletiva de educação emancipadora

Por tudo que já foi explanado e pela necessidade de promover uma prática que vislumbre outras formas de se relacionar com os sujeitos e de se relacionar, portanto, com o trabalho e as expressões da questão social, não atendendo apenas o objetivo de formar para o mercado de trabalho, mas sim ir além construindo espaços de troca de conhecimento, considerando uma educação humanizadora e de formação integral do ser humano, surgiu a Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga.

BREVE RELATO HISTÓRICO

“Maria da Restinga” é uma espécie de pássaro endêmico da região sul do Brasil que está ameaçado de extinção. Acreditamos que este nome pode representar diversos significados como exemplo a liberdade e resistência.

Como consequência do descontentamento às práticas escolares vigentes no ensino público e, compreendendo a importância e por isso necessidade de um ambiente de interação infantil, a Comunidade de Aprendizagem Maria da Restinga (COAMAR) surgiu neste contexto.

Um grupo de pessoas – algumas que já se conheciam e outras não – começou a se encontrar para discutir a questão da educação pública atual e também para discutir as possibilidades de educação para seus filhos. Começou a se construir a partir daí um projeto, o projeto da “escola que queremos”, como ficou conhecido carinhosamente entre os envolvidos.

O grupo, composto por familiares responsáveis, parceiros voluntários, pedagogos e profissionais de outras áreas, se reuniu semanalmente durante um ano, com intuito de conciliar seus interesses, pensando a construção de uma prática educativa que desse conta do que acreditavam ser necessário à uma educação humanizadora e de qualidade.

Assim como ocorre com as crianças em seu desenvolvimento e em suas vivências, consideramos que os processos educativos se dão a todo o momento, de modo que, assim como as crianças, todos estamos nesse contínuo movimento de ensinar e aprender algo. Um dos conceitos de Comunidade de Aprendizagem propõe o envolvimento de todos nesse processo e busca promover uma construção coletiva onde todos são sujeitos ativos e importantes.

Esse processo de reuniões foi enriquecido com diversas discussões teóricas, apresentações de textos trazidos por seus participantes, sendo compreendido como um processo de formação autogestionária.

Esse período inicial de caráter teórico durou 6 meses, e, através dele, começou a se esboçar o que depois foi chamada de proposta pedagógica, que veio a se construir mais intensivamente com a prática diária acontecendo.

Depois desse momento, foi iniciada uma prática, em agosto de 2016, com média de 10 crianças, acontecendo na brinquedoteca da UFPR – litoral, um espaço compartilhado pela comunidade local e acadêmica.

Vale ressaltar que esta proposta pedagógica se constrói concomitantemente à prática e abarca ideias e reflexões de diversos autores, não tendo por isso uma única e específica corrente teórica. Este é um projeto em permanente construção coletiva, compreendendo que todos somos sujeitos capazes de aprender e modificar nossos conhecimentos.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Desde sua existência prática, o projeto conta com uma média de 8 crianças, de 1,5 até 6 anos, abrangendo por isso a educação infantil, da comunidade local e comunidade acadêmica. Essas crianças em geral são os filhos dos pais que compõe o coletivo, mas há também crianças da comunidade local.

A prática ocorre, até o momento, na brinquedoteca da UFPR – litoral, no período da tarde, sendo das 13h30 às 17h30.

Durante todas as tardes está presente uma professora (pedagoga), e cada dia fica presente junto a ela um ou dois familiares ou parceiros voluntários. Esta organização se dá através da construção de uma escala mensal.

Toda organização e discussões são feitas durante as reuniões que ocorrem semanalmente. O grupo possui frentes de trabalho, sendo, o lanche; as escalas; o acolhimento e a pedagógica, as mais pontuais, para dar conta do dia a dia. Problemáticas e questionamentos também são trazidos à reunião, como sendo o espaço de amplo diálogo e momento de falar sobre tudo que acontece no que se refere ao projeto por completo.

A PROPOSTA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

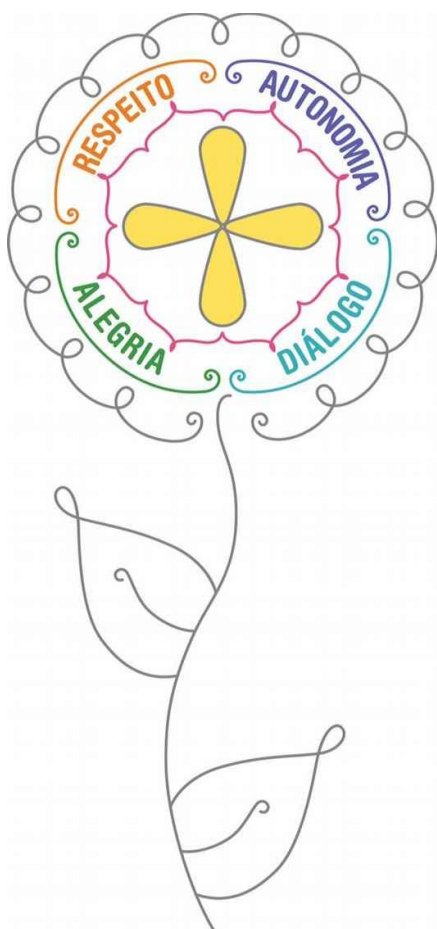
O livre brincar, caracterizado pelo não direcionamento absoluto da brincadeira, é a principal atividade praticada e o ponto chave da nossa prática, compreendido como ação de direito e qualidade natural da criança, assegurado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é muito presente em nossa rotina, sendo garantido e amplamente respeitado.

Ao brincar sem interferência do adulto, lembrando que brincar junto, se envolvendo no universo infantil não é interferir, mas sim participar, sendo por isso importante também, a criança tem possibilidade de criar, seguir suas próprias emoções gerindo sua brincadeira. Nesses momentos, ela denuncia o que acontece em sua vida e o que está sentindo, por isso o brincar pode ser considerado como a linguagem da criança, pois ela se expressa através dele, logo, consideramos que permitir o livre brincar é permitir que a criança simplesmente seja ela mesma e implica respeitá-la, compreendendo-a como principal sujeito, capaz de produzir conhecimento e cultura.

Considerando que as crianças aprendem por imitação, brincando de imitar a realidade que as circunda, acreditamos no brincar como ação livre e espontânea, sendo vivenciado a todo momento. É muito importante que o brincar e o livre brincar sejam permitidos, pois eles possibilitam à criança o desenvolvimento da autonomia e empatia. A socialização de crianças de idades variadas permite que elas troquem experiências umas com as outras, e essa relação faz com que elas desenvolvam a construção de pensamentos estruturados, além de todo desenvolvimento motor que é solicitado.

Para que ambos, o brincar e o livre brincar sejam apresentados à criança da melhor maneira, o ambiente é outro ponto fundamental, desde a escolha à organização de materiais, sua composição e disposição no espaço. Um ambiente apropriado é rico quando capaz de promover diversos contatos e estimular à exploração por parte da criança. Pensamos em um espaço seguro, não contendo elementos perigosos e todo construído na altura das crianças, para que, de forma tranquila, ela possa explorar com devida autonomia e liberdade.

Consideramos quatro pilares como sendo essenciais para alicerçar toda esta proposta, tanto a parte teórica como a prática.



Os pilares RESPEITO, AUTONOMIA, ALEGRIA e DIÁLOGO (representados na figura ao lado) foram escolhidos coletivamente, e representam qualidades necessárias que atingem não somente a relação com as crianças, mas também fundamentam todas as relações que envolvem a construção coletiva e a prática diária.

O **respeito** deve sempre estar presente, mediando as relações. Sabemos que coletivos tem sempre opiniões que divergem e diferentes formas de pensar e compreender as situações, por isso e também pela consideração à criança e a todo conhecimento que ela carrega, acreditamos no respeito como fundamental no trabalho coletivo, pois ele nos dá condições para que possamos nos compreender e agir coletivamente.

O pilar da **autonomia** necessita da compreensão do protagonismo e da liberdade. É preciso ser sujeito principal no processo de construção do conhecimento e levar em consideração o outro, entendendo que a autonomia e liberdade só existem a partir dessa relação e que para tanto a responsabilidade deve estar presente. Não há como exercer autonomia sem pensar nas suas implicações com o outro, assim como não podemos confundir a liberdade com fazer o que se quer, sem observar as consequências para todos os envolvidos.

Baseado nisso, autonomia nos remete à possibilidade de poder construir um projeto sem amarras que possam impedi-lo de ser da maneira em que acreditamos.

Autonomia é ter liberdade e possibilitar às crianças liberdade para explorar o mundo e realizar atividades ao seu modo, e isso é fundamental para ela e para o seu desenvolvimento.

A **alegria** é muito natural e presente entre as crianças e por isso é necessária para quando estamos com elas; representa o prazer sincero no que se faz, e é fundamental, pois tudo o que fazemos com alegria significa que fazemos porque tem sentido para nós, e isso faz com que o desejo de seguir construindo o projeto permaneça.

Encontrar e promover alegria nas práticas educativas, se importar com isso e tê-la como um pilar é essencial, pois acreditamos que ser alegre é uma forma de resistência nesse contexto tão hostil, de desigualdade social com consequências negativas para os sujeitos que dela sofrem no caos do mundo atual.

O **diálogo** para nós representa o que disse Paulo Freire na pedagogia do oprimido, é a palavra verdadeira; o movimento constante de ação e reflexão; a pronúncia do mundo; o fazer e refazer dos homens (FREIRE 2016).

Acreditamos que o diálogo verdadeiro carrega com ele o respeito, a autonomia e a alegria, sendo, por isso, a ferramenta fundante de toda a construção coletiva. Através dele, somos presenteados pelas trocas de experiências e construímos o mundo.

Estes pilares são o alicerce sobre o qual nossos eixos temáticos – representados também na figura, como sendo as quatro pétalas do centro, em amarelo - *movimento*; *culinária*; *artes* e *agroecologia*, se baseiam na construção da prática pedagógica, sempre conectados e misturados, com sentido de compreender os conhecimentos como unificados e não fragmentados.

EIXO DO MOVIMENTO

A criança durante o período da primeira infância necessita, sobretudo, de liberdade espacial, seu corpo cresce rapidamente e suas energias estão focadas principalmente em seu desenvolvimento motor, suas experiências são práticas e concretas e seu aprendizado se baseia inteiramente nelas para se consolidar.

Podemos perceber com isso, que o movimento do corpo é naturalmente presente na rotina infantil: correr, pular e escalar são exemplos de atividades que as crianças adoram realizar e estão sempre praticando. Ao movimentar o corpo e a mente, o desenvolvimento motor, cognitivo e – socioafetivo – se movimentam também; através de jogos, brincadeiras e nos momentos de livre brincar há o exercício de domínio e controle corporal; o conhecimento e exploração do corpo; construção da noção de espaço e tempo; desempenho da força, resistência, flexibilidade e velocidade; trabalha-se a cooperação, e as mais variadas e ricas vivências decorrentes dessas interações.

As práticas ligadas ao movimento são inseparáveis à criança, sobretudo neste período da infância, são praticamente tudo que a criança faz, e por isso são consideradas importantíssimas.

EIXO DA CULINÁRIA

O ato de cozinhar é fundamental, pois se refere à uma necessidade humana, sendo uma prática importante para a construção e consolidação da autonomia e independência. Durante as atividades culinárias, que compreendem não só a feitura de receitas pontuais, mas o próprio manuseio das frutas durante o lanche diário, a criança exercita sua capacidade de concentração e

memorização, é estimulada na sua criatividade e aprende português, matemática, história, geografia e sociologia, de maneira sutil, respeitando seu período de desenvolvimento.

Buscamos dialogar com hábitos alimentares saudáveis, promovendo uma variedade de sabores que estimulem a memória gustativa e construam um paladar diversificado.

Priorizamos os alimentos locais e da época, realizando receitas integrais e saudáveis, fáceis para o manuseio das crianças, explorando seu gosto pela culinária e alimentação de qualidade.

O grande êxtase dessas atividades é degustar os alimentos trabalhados em receitas feitas, neste momento partilha-se o resultado, avaliando e discutindo-o. Este eixo compreende a riqueza das vivências que promove e é fundamental em nossa prática.

EIXO DE ARTES

Compreendemos o contato e vivência constante com as artes como essencial para o desenvolvimento integral do ser humano. Por meio das práticas artísticas a criança também descobre e percebe o mundo; trabalha a expressão de sentimentos e emoções e principalmente mergulha em processos de imaginação e criação. Enfatizamos que o trabalho com este eixo envolve uma série de conhecimentos e práticas nas quais vislumbramos como foco o processo criativo, dando suporte à criança em sua construção artística.

A dança, música, trabalhos manuais, teatro e contação de história são exemplos de atividades que fazem parte do contexto da educação e que são capazes de propiciar novas experiências e descobertas. Nestas atividades podemos dialogar com o conhecimento do corpo; desenvolvimento e aprimoramento da coordenação motora; exploração, expressão e produção de silêncio e sons do próprio corpo e de materiais sonoros, entre outros.

A arte é muito importante na primeira infância, o desenvolvimento da criatividade e exploração da imaginação, por exemplo, inferem diretamente em nossa capacidade de resolver conflitos e criar soluções para as demandas da vida, assim como nossa qualidade de lidar com os sentimentos e forma de expressar.

Nutrida de ludicidade, a arte pode ser manifestada por muitas possibilidades. Envolvendo diversos conhecimentos que se conectam com outras vivências é uma prática ampla que está presente na rotina infantil, contemplando a liberdade da criança.

EIXO DE AGROECOLOGIA

Pensar na agroecologia como um eixo embasador, nos remete à concepção de que nós, seres humanos, e a natureza somos um só e estamos por isso, inteiramente conectados. Esta ideia enfatiza a vida, o mundo e suas inter-relações, onde o conhecimento não visa o domínio do homem sobre a natureza, mas sim promover uma harmonia entre esta relação.

Através de práticas agroecológicas realizamos com as crianças vivências que possam reconduzir a evolução social à essa harmonia entre homem e natureza. Somente pela observação podemos conhecer plantas e seu uso nutricional e medicinal; sentir aromas e texturas, perceber cores e formas; reconhecer flores e frutos; entrar em contato com a terra, plantando e cultivando ervas e tantas outras atividades que, com sutileza, nos permitam dialogar com as crianças, internalizando o cuidado com a natureza e evidenciando a necessidade da conscientização ambiental para o futuro do planeta. Apontamos também a relação entre a terra, a saúde e a alimentação, pensando à segurança e soberania alimentar.

A agroecologia permite uma profunda reflexão na busca por uma preservação da natureza e das relações humanas, nos ensina práticas saudáveis e respeitosas, coerentes a uma educação humanizadora.

Considerando os quatro eixos, construímos no ambiente diversos espaços: espaço da cozinha com lavanderia; espaço de atividades com mesa e cadeiras; espaço com materiais de jardinagem; espaço de leitura e descanso. Esses ambientes menores, compõe nossa sala de atividades, e nestes espaços podem ocorrer diversas práticas relativas aos eixos e também as brincadeiras do cotidiano. Contamos ainda com outros materiais, como bolas; tecidos; capas e chapéus; materiais de papelaria e etc., que têm como objetivo enriquecer o ambiente e ser ferramenta para a construção de atividades; nas práticas ao ar livre contamos com um tanque de areia e amplo espaço, com árvores e bancos, balanço, circuito colorido e brinquedos externos, como motocas e etc.

O RITMO DE ATIVIDADES

O ritmo e a rotina são fundamentais no cotidiano infantil, são eles que trazem segurança e asseguram o processo de trocas de conhecimento e aprendizagem.

Conforme já dissemos, a criança aprende por imitação, repetindo e repetindo ações, até chegar ao refinamento; o ritmo abrange uma rotina de atividades diárias, semanais e mensais, que asseguram esse processo de conhecer, repetir e refinar, até chegar ao aprendizado.

Nesse sentido, construímos um calendário anual de épocas, que abarcam as estações do ano, verão, outono, inverno e primavera como temas, e, para cada estação, há uma série de músicas

relacionadas, há cores específicas, e um verso relativo à estação que, declamado no início do lanche, tem função de agradecer o alimento e indicar a época em que estamos.

Esse calendário anual de épocas nos ajuda a compreender as estações do ano, de maneira lúdica, abordando características de cada estação, mas não significa que não podemos cantar outras músicas e histórias, seu objetivo é envolver todos nesta relação com a natureza e, por isso, contamos com ele.

Tendo em vista que o livre brincar é nossa principal ação, trabalhamos com um calendário semanal que propõe, uma vez por dia, uma atividade temática específica que é dirigida por um adulto.

As práticas temáticas são oferecidas por parceiros voluntários, da comunidade local e acadêmica, e são frutos do que os próprios sujeitos do coletivo têm para oferecer, ou seja, as atividades surgiram a partir do conhecimento que há no grupo, mas não foram pensados temas específicos. Essas práticas têm o intuito de propiciar o contato entre a criança e diversos elementos e vivências variadas, também promovem vivências coletivas onde o convívio social pode ser explorado.

Propor não significa ordenar, mas sim convidar, partindo de brincadeiras e abordagens que possam seduzi-la e que por isso estimulem sua curiosidade, provocando-a e instigando-a a participar, partindo de sua liberdade e espontaneidade.

O objetivo dessas atividades serem trazidas por parceiros e pela comunidade envolvida, se dá também no sentido de trabalharmos com o conhecimento e oferta local; as atividades podem variar ou não conforme o semestre e sempre possuem especificidades em algum dos quatro eixos embaixadores, mas de certo modo acabam envolvendo todos eles, pois acreditamos que o conhecimento é um só.

O ritmo diário de atividades alterna *atividades de concentração*, que são práticas direcionadas em que geralmente se permite que a criança vivencie a si própria no grupo social, em atividade social, e *atividades de expansão* que são as práticas em que a criança segue seus próprios impulsos.

Este movimento diário acompanha nosso ritmo biológico: respirar e expirar. Traz tranquilidade e segurança para a criança.

O momento do *boa tarde* é o da chegada, de receber os amigos e saudar-nos uns aos outros, celebrando mais uma tarde juntos.

O momento da *atividade temática* é o de realizar as práticas propostas pelo coletivo, conhecer atividades novas e interagir com o grupo social.

Durante os momentos de *livre brincar*, a criança faz o que tem vontade, explora o que há no ambiente, e interage como preferir.

O *lanche* é um momento mais sério, de agradecer e se alimentar, exercitando a paciência e solidariedade, é também hora de confraternizar.

O *até logo* é o momento final do dia, hora de desacelerar, realizar uma ultima atividade coletiva e se despedir, desejando rever à todos no dia seguinte.

Ao compreender o ritmo diário, a criança se sente segura, pois é capaz de perceber o movimento do dia, e isso traz à ela a tranquilidade para enfrentar quatro horas com outras crianças e adultos, realizando diversas atividades, e o que é mais importante, permanecer esse período todo na ausência da mãe ou familiares responsáveis, que são sua maior fonte de segurança, amor e referência.

A partir do exercício da observação, do olhar atento às necessidades e desejos dos pequenos, dos conhecimentos que cada sujeito trouxe para compartilhar e da possibilidade do envolvimento e contribuição de cada um, estamos construindo isto que denominamos de proposta e prática pedagógica.

Na convivência de um coletivo de famílias e parceiros, sob os pilares que o próprio grupo definiu e a partir do cotidiano com as crianças, seguimos na direção de práticas de educação coerentes com as que acreditamos necessárias à formação humana plena, de qualidade e emancipadora, e que por isso não são práticas que atendem necessariamente à lógica do capital.

Consideramos que nenhum projeto e, sobretudo, um de educação possa estar “concluído”, pois todos somos seres em desenvolvimento e sempre capazes de aprender, refinar e modificar nossos conhecimentos. Desse modo, acreditamos fazer parte de uma ampla teia de possibilidades no que tange à educação, percorrendo o caminho da construção coletiva, sempre tendo em vista o respeito, a autonomia, o diálogo e a alegria como alicerces.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A educação infantil tem muitas especificidades que vão desde cuidados como higiene e alimentação, até atender as demandas pedagógicas. Se antigamente acreditávamos que a educação da primeira infância deveria se ocupar apenas de assistencialismo, hoje já é sabido que nos primeiros 3 anos de idade os pequenos têm capacidade de aprender muito rapidamente e por isso se desenvolvem física e cognitivamente de forma diferente de após esse período.

Devemos por isso estar atentos às práticas que propomos à educação de nossas crianças pequenas e ir além de ações de cuidados. É necessário considerá-las enquanto sujeitos, com emoções e pensamentos relevantes e, sobretudo, capazes de realizar escolhas cabíveis.

Nossa proposta e prática pedagógica se baseiam na oferta da liberdade à criança, para que por meio desta, ela seja capaz de construir e consolidar sua autonomia, e também porque acreditamos na liberdade como um direito de todos, inclusive das crianças.

Porém a liberdade não significa simplesmente “fazer o que quiser”, sem a supervisão do adulto. Ela implica fazer o que quiser, com devida responsabilidade, dentro dos limites de segurança, e com respeito à todos.

Contribuir à liberdade das crianças é ser capaz de ajudar no que for necessário para que elas tenham suas experiências próprias e estimulá-las para que sejam capazes de realizar atividades conforme seu desejo e com o máximo de autonomia possível.

A liberdade está diretamente conectada à responsabilidade, onde há uma, há com certeza a outra, e é muito importante que a criança (e todos nós na verdade) compreenda esta relação.

Quando permitimos que uma criança de dois anos e meio exercite sua liberdade tentando subir em uma árvore ou utilizando uma tesoura para cortar papel, precisamos redobrar nossa atenção, estando presentes e atentos, para intervir se ocorrer alguma situação de perigo à criança ou aos demais.

Em outro exemplo: se um grupo de crianças deseja brincar usando um brinquedo, é necessário que elas compreendam que após a brincadeira, é preciso devolver o material ao seu lugar, mantendo o ambiente organizado.

Acreditamos que uma prática educativa que tem a liberdade como principal ação precisa sempre redobrar a atenção e estar muito presente e atento para auxiliar, mediar e intervir quando necessário.

Dentro deste contexto, outro ponto fundamental é pensar o papel do adulto. Como nos apresentamos às crianças e como é nossa postura quando estamos junto delas.

Se já compreendemos que as crianças aprendem por imitação se faz necessário trazer então o olhar para o adulto, refletindo sobre seu envolvimento e interação com elas. Afirmar que ser exemplo é uma tarefa de muita responsabilidade é válido se pensarmos o quanto pode exigir ser digno de ser espelhado.

Muitas vezes teorizamos com as crianças sobre como devemos ser carinhosos uns com os outros ou que não devemos gritar nem desrespeitar ninguém e etc., mas não praticamos isso verdadeiramente, não dando à elas, portanto, a possibilidade de verdadeiramente observar um exemplo de como é ser carinhoso, gentil ou respeitoso.

A criança tem a percepção muito aguçada e compreende o mundo também através dessa percepção, por isso é muito importante refletir sobre o que ela está presenciando no ambiente, mesmo que indiretamente, e perceber a relação que isso tem com tudo que ela faz.

O adulto é muito importante para a criança, ele é fonte de amor e segurança e é responsável por apresentar a ela o mundo, fazendo as mediações necessárias.

Através do cotidiano com as crianças, podemos reparar na forma encantadora como elas vivem a plenitude dos momentos, pois estão preocupadas exclusivamente com o que está acontecendo no agora; como descobrem o mundo de maneira espontânea através da sua curiosidade; como elas têm empatia umas com as outras quando, por exemplo, choram quando veem o outro chorando, ou se entristecem também ao ver o patinho feio do livro triste; como são livres, falam o que sentem e não têm medo de se mostrar verdadeiramente.

As vivências com as crianças são trocas de experiências riquíssimas para o adulto, e é dessa maneira que compreendemos que seu papel deve ser também o de observador atento, capaz de entender a criança e sua forma de pensar e agir, e compreendê-la enquanto sujeito capaz de nos ensinar muito, se estivermos abertos à sua sutileza e forma de viver.

REFERÊNCIAS

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 Jun. 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

OBRAS CONSULTADAS, MAS NÃO CITADAS.

ALMEIDA, Alberto. A. L.; DAMASCENO, Maria. F. O Neoliberalismo e a Educação Brasileira: A Qualidade Total em Questão. Revista Educação, V.10, n.2. São Paulo: UNG Universidade, 2015. Disponível em <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/viewFile/2160/1610>>. Acesso em: 20 Out. 2017.

GADOTTI, Moacir. Qualidade na Educação: Uma Nova Abordagem. In: Congresso de Educação Básica: Qualidade na Aprendizagem. Florianópolis, SC. 2013. Disponível em <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726aa2c7daa4389040f.pdf>. Acesso em: 20 Out. 2017

MÉSZAROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2012